

ESTUDO COMPARATIVO DOS PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS ESTABELECIDOS POR CHOMSKY E BAKHTIN SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NOS SERES HUMANOS

COMPARATIVE STUDY OF EPISTEMOLOGICAL ASSUMPTIONS ESTABLISHED BY CHOMSKY AND BAKHTIN ABOUT LANGUAGE ACQUISITION IN HUMAN BEINGS

Fabiana Dalila Becker

Mestre em Educação Básica
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade do Vale do Rio do Peixe - UNIARP- Caçador- SC
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6267-5965>
E-mail: fabianadalila35@gmail.com

Joel Cezar Bonin

Doutor em Filosofia
Programa da Pós-graduação em Educação
Universidade do Vale do Rio do Peixe-UNIARP-Caçador/SC
Orcid; <https://orcid.org/0000-0003-0437-7609>
E-mail: Boninj7@gmail.com

RESUMO: O artigo apresenta duas bases epistemológicas opostas concernentes ao desenvolvimento da linguagem humana: gerativismo de Noam Chomsky e teoria enunciativa discursiva de Mikhail Bakhtin. O gerativismo concebe o desenvolvimento da linguagem do ponto de vista inatista e apresenta argumentos para fazê-lo; segundo Chomsky, há no organismo humano, uma predisposição genética que desencadeia a constituição linguística. Já, Bakhtin defende que a linguagem humana é produto do meio social, ideologicamente constituída nas interações dos sujeitos entre si, sendo a base das relações de poder da vida em sociedade. O objetivo é confrontar as duas teorias, estabelecendo principais diferenças, ao mesmo tempo destacando que ambas são densamente construídas, a partir de argumentos sólidos e coerentes. A última etapa do artigo estabelece uma comparação entre essas bases epistemológicas para facilitar a compreensão das diferenças. A metodologia de produção deste texto foi bibliográfica, utilizando a investigação dedutiva com base nas leituras e interpretações textuais.

Palavras-chave: Linguagem. Gerativismo. Enunciação/Discurso. Dialogicidade.

ABSTRACT: This article presents two opposing epistemological bases regarding human language development: Noam Chomsky's generativism and Mikhail Bakhtin's discursive enunciative theory. Generativism conceives language development in humans from the innatist point of view and it presents arguments for doing so; according to Chomsky, there is a genetic predisposition in human organism that triggers the linguistic constitution. Bakhtin defends the idea that human language is a product of social environment, loaded with meaning, ideologically constituted in subjects' interactions with each other, being the basis of power relations present in society's life. The objective is to confront these two theories, establishing their main differences, while highlighting that both are densely constructed, based on solid and coherent arguments. The article's last stage establishes a comparison between these two epistemological bases to facilitate the understanding of their differences. This text's production methodology was bibliographic, using deductive research based on textual readings and interpretations.

Keywords: Language. Generativism. Enunciation/discourse. Dialogicity.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem exerce um papel fundamental na formação da sociedade e, inegavelmente, é tema de estudos filosóficos, sociológicos e linguísticos desde a sua existência mais remota. Comumente, os estudos buscam encontrar meios para explicá-la cientificamente, dada a sua complexidade e importância para a humanidade, uma vez que toda a vida em sociedade perpassa o uso da linguagem, seja oralmente ou pelo registro escrito.

Neste sentido, há teses oriundas de diferentes correntes de pensamento, que incluem formas opostas para desvendá-la, tais como: o gerativismo de Noam Chomsky, considerado precursor da linguística moderna, que aborda uma concepção inatista de língua e linguagem e Mikhail Bakhtin, com sua tese enunciativa discursiva, que defende a ideia de que a linguagem é ideológica e socialmente constituída, mas jamais inata.

Assim, partindo do pressuposto de que a obra de Chomsky sobre a linguagem implica polêmicas tanto para a linguística quanto para outras áreas do conhecimento, tais como a filosofia e a psicologia, faz-se necessário conhecer a origem do seu pensamento, bem como os argumentos que o sustenta, para esclarecer certos preconceitos em relação ao seu estudo. Desse modo, segundo Chomsky (2009), ao conhecer a origem da linguagem nos humanos “[...] podemos começar a descrever o sistema de conhecimento que é alcançado e a formular hipóteses plausíveis acerca das capacidades humanas intrínsecas que tornam essa façanha possível; Chomsky (2009, p. 20).

Por outro lado, Bakhtin (2006) constrói seus argumentos a partir da ideia de que a linguagem enquanto instrumento do discurso e de significação, é constituída nas interações que os sujeitos estabelecem dentro do grupo social ao qual pertencem e, portanto, ela é portadora de uma ideologia, uma forma de pensar e de ver o mundo que não é opcional ao sujeito, mas sim moldada pelo grupo social ao qual pertence.

Portanto, neste artigo apresentar-se-ão, no primeiro momento, alguns dos conceitos básicos que permeiam a concepção que Chomsky desenvolveu acerca da linguagem nos humanos. Em um segundo momento, explicar-se-á a base epistemológica enunciativa discursiva de Bakhtin, para em seguida, estabelecer uma comparação entre as duas vertentes, na perspectiva de elucidar suas principais diferenças.

2 CONCEPÇÕES CHOMSKYNIANAS ACERCA DA LINGUAGEM E SEU USO: UMA ABORDAGEM INATISTA

Os processos pelos quais a linguagem é constituída e adquirida, bem como a sua influência na organização da sociedade e na comunicação entre os povos, sempre implicaram curiosidade e pesquisas acerca do tema, de modo que, estudos têm sido desenvolvidos no campo da linguística, da filosofia, entre outras ciências, para tentar compreender esse fenômeno humano. Porquanto, muitos linguistas apontam a

linguagem como sendo produto inato, considerando-a uma adaptação biológica exclusiva ao ser humano. Um dos maiores defensores da linguagem como instinto humano é o linguista Noam Chomsky (2009) que, em sua Teoria Gerativa, afirma que a aquisição da língua é oriunda de um órgão mental, como se fosse uma faculdade psicológica presente em cada indivíduo.

Para Chomsky (2004), a linguagem é produto da inteligência humana e indispensável não somente para a elaboração do pensamento, como também para a construção da percepção, sendo que ambos constituem uma comunhão inteligível, espiritual e moral. Assim, Chomsky (2005) supõe que a faculdade da linguagem parte de um estado inicial, igual para todos e assume outros estados, que seriam as diferentes línguas constituídas por diferentes grupos sociais. Ou seja, “a única estrutura compartilhada (virtualmente) entre os seres humanos é o estado inicial da faculdade da linguagem. Fora isso, não esperamos encontrar mais que aproximações [...]” (Chomsky, 2005, p.72).

Chomsky (2004) observa também que o ato de se comunicar se dá pelo entendimento do que outra pessoa está falando e tem em mente pois, nesse processo interativo, o ouvinte possuiria a capacidade de se adiantar ao discurso desse outro, sendo capaz de “adivinhar” aquilo que vai ser dito em seguida, partindo do pressuposto de que os humanos são semelhantes, então esse outro introduz modificações necessárias à linguagem, altamente reflexivas, além da consciência. Em outras palavras, na concepção de Chomsky, há um “significado compartilhado publicamente”, por causa das propriedades inativas da faculdade da linguagem que permitem poucas variações.

Chomsky (2004) defende que uma abordagem "internalista" pode oferecer uma base adequada para o estudo da linguagem, de nossas interações com outras pessoas e o do ambiente externo, de modo que,

A linguagem da criança ‘cresce na mente’ à medida que o sistema visual desenvolve a capacidade de visão binocular, ou à medida que a criança entra na puberdade em um certo estágio de maturidade. A aquisição da linguagem é algo que acontece com uma criança colocada em um determinado ambiente, não algo que a criança faz (Chomsky, 2004, p. 29).

O mesmo autor ressalta que a faculdade da linguagem é um dos componentes da mente/cérebro, dedicado ao seu uso, tal qual outros componentes do corpo humano, que são responsáveis pelo seu funcionamento, sendo que a linguagem aqui discutida é a linguagem humana, em toda a sua complexidade. Em outras palavras, a linguagem existe na medida do seu uso. Quanto mais exercitamos a linguagem, mais ela se desenvolve em nós. Assim sendo,

O colapso da hipótese tradicional da uniformidade não deveria ser uma surpresa. Não encontramos nada parecido no estudo de outros sistemas complexos: o córtex visual, o rim, o sistema circulatório e outros. Cada um desses órgãos do corpo tem suas propriedades. Eles se encaixam, presumivelmente, no nível da biologia celular, mas nenhuma teoria dos órgãos lida com as propriedades dos órgãos em geral. As várias faculdades e sistemas cognitivos da mente podem ser praticamente os mesmos. Se assim for, não haverá campo da ciência cognitiva que trate das propriedades gerais dos sistemas cognitivos. Especificamente, o estudo da linguagem não fornecerá um modelo útil para outras partes do estudo da mente [...] (Chomsky, 2004, p. 34).

Chomsky expõe uma compreensão que vai além da superfície, constituída por uma estrutura e um design especiais, chamando a atenção para o fato de que, mesmo que desenvolvido muitas teorias acerca da linguagem tenham sido desenvolvidas, ainda há muito a ser investigado, pois há lacunas que ainda não foram preenchidas. Chomsky (2004), defende um aprofundamento da perspectiva histórica sobre o desenvolvimento e a função da linguagem, a começar por considerar a primeira revolução cognitiva, aqui entendida como a teoria cartesiana de corpo e de mente que, de acordo com Aguiar (2017) pode ser entendida como a separação do corpo material e da alma e considera a imperfeição do sujeito pensante que, por ser imperfeito duvida e tem um conhecimento limitado, sendo, portanto, finito. Aguiar (2017) considera que, na teoria cartesiana, o corpo é uma máquina que foi construída por Deus e que, esse corpo possui também uma alma. Nessa perspectiva, o homem só pode se constituir se tiver esses dois elementos: corpo e alma. Assim,

[...] O estudo da mente é uma investigação sobre certos aspectos do mundo natural, incluindo o que tradicionalmente chamamos de eventos, processos e estados mentais, e que devemos investigar esses aspectos do mundo como fazemos com quaisquer outros, tentando construir teorias explicativas inteligíveis, que fornecem insight e compreensão de fenômenos que são selecionados para avançar a busca em princípios mais profundos (Chomsky, 2004, p.41).

Portanto, o ápice do uso criativo da linguagem se dá pelas produções artísticas; ou seja, aqueles que escrevem ou se expressam artisticamente por meio do uso da língua, são os que conseguem, com um número limitado de estruturas fazer combinações e adaptações ilimitadas para expressar o pensamento e o modo de ser dos seres humanos. Assim, se quisermos conhecer o pensamento humano, é possível fazê-lo pela leitura da literatura e pelo contato com a arte, bem como pelo estudo histórico, pois a essência do comportamento humano está registrada nessas produções, sendo que, considerando que somos todos naturalmente semelhantes, nossos comportamentos e crenças podem até diferir pela nossa cultura, mas não diferem tão radicalmente como muitos imaginam. Daí surge um dos motivos pelos quais o autor defende a ideia de que a capacidade da linguagem nos humanos é, de certa forma, inata. Assim,

[...] tal abordagem não exclui outras formas de tentar compreender o mundo. Alguém comprometido com isso (como eu) pode acreditar consistentemente (como eu) que aprendemos muito mais sobre o interesse humano, sobre como as pessoas pensam, sentem e agem lendo romances ou estudando história do que com toda a psicologia naturalista. [...] da mesma forma, as artes podem oferecer uma apreciação dos céus aos quais a astrofísica não pode aspirar (Chomsky, 2004, p. 42).

Em sua concepção inatista de aquisição da linguagem, considerando as possibilidades de construção de uma teoria da natureza humana, numa perspectiva de questionar o porquê de se estudar a linguagem e, fascinado pelos elementos que a compõe, na intenção de descobrir os arranjos que ela possibilita, a sua origem histórica e no indivíduo, ou as formas como ela é utilizada no pensamento, nas ciências ou nas artes, ou no intercâmbio social normal, Chomsky (2004) argumenta que,

O trabalho dos últimos anos conseguiu, até certo ponto, identificar princípios gerais da linguagem que podem ser atribuídos à dotação inicial, com opções de variação restritas a subpartes do léxico. O ‘sistema de computação’ da linguagem que determina as formas e relações das expressões linguísticas pode de fato ser invariável; nesse sentido, há apenas uma linguagem humana, como um marciano racional observando humanos teria assumido. A aquisição de uma determinada língua é o processo de fixação das opções lexicais com base em dados simples e acessíveis (CHOMSKY, 2004, p. 50).

Outrossim, o estudo da linguagem nos possibilita descobrir os princípios abstratos que regem sua estrutura e uso; princípios esses que seriam universais pela necessidade biológica e não por mero acidente histórico que derivam de características mentais da espécie humana, sendo extremamente complexas. Chomsky parte da observação de que a linguagem humana é uma realização intelectual extraordinária, utilizando o termo “espelho da mente”, para defini-la (Chomsky, 2004).

Chomsky (2007), observa que a aquisição da linguagem nas crianças se dá de forma extremamente natural, intuitiva e rápida, sem que elas precisem depreender grandes esforços para aprendê-la. Assim,

Uma criança normal adquire esse conhecimento com uma exposição relativamente leve e sem treinamento específico. Ela pode facilmente fazer uso de uma estrutura intrincada de regras específicas e princípios orientadores para transmitir seus pensamentos e sentimentos, despertando-lhes ideias novas e percepções e julgamentos sutis (CHOMSKY, 2007, p. 4).

Com efeito, Chomsky (2005) argumenta que “[...] o nosso conhecimento de uma língua é muito mais inato do que antes se suspeitara”. Chomsky (2005, p. 14) pois, no seu entender, parece óbvio que línguas específicas, como o inglês e o japonês, por exemplo, não são inatas, pela simples observação de suas diferenças, as quais estão relacionadas ao ambiente em que são constituídas, mas, mesmo apresentando diferenças e tendo sido constituídas sem, supostamente, nenhum contato uma com a outra, tais línguas se assemelham em som e em estrutura. Ou seja, para Chomsky, há propriedades essenciais nas línguas que deixam claro que grande quantidade da linguagem que os humanos utilizam deve ser inata. Em sua teoria, Chomsky observa que a criança, no seu processo de aquisição linguística, não precisa aprender formalmente, de início, as propriedades da língua a qual está exposta. Ela as aprende intuitivamente.

Sucintamente, Chomsky (2007) parte de um questionamento essencial para o desenvolvimento que norteia todo o seu estudo acerca da aquisição da linguagem nos humanos, instrumentalizado na seguinte pergunta: “Como é que os seres humanos, cujo contato com o mundo é breve, pessoal e limitado, são capazes de saber tanto quanto sabem?” Chomsky (2007, p. 5). O autor responde a esse questionamento argumentando que existem elementos linguísticos em nosso cérebro, programados para tal conhecimento. Apenas, no processo de interação, que propicia a aquisição de uma determinada língua, esse conhecimento é ativado.

Para além das ideias supracitadas, Chomsky (2005), ainda destaca que a faculdade da linguagem tem influência decisiva em todos os aspectos da vida, do pensamento e da interação humana. É somente

devido à linguagem que os humanos têm uma história, uma evolução cultural e uma diversidade complexa e rica.

No entanto, mesmo que toda a teoria chomskyniana defenda que o sistema de linguagem nos humanos seja inato, o mesmo autor argumenta que,

[...] o que uma pessoa faz depende da ampla medida do que sabe, crê e antecipa. Um estudo do comportamento humano que não se baseie numa formulação pelo menos provisória dos sistemas relevantes de conhecimento e crença está fadado à trivialidade e à irrelevância. O estudo da aprendizagem humana só pode começar, de modo sério, quando for apresentada tal formulação provisória dos sistemas de conhecimento e crença (Chomsky, 2009, p. 20).

Logo, no entendimento de Chomsky (2009), o estudo da linguagem pode se constituir como um elemento fundamental para o estudo da aprendizagem e do comportamento dos humanos. Desse modo, o conhecimento da língua é obtido pela exposição que o sujeito tem a ela, sendo que o caráter do conhecimento adquirido pode ser amplamente predeterminado. Para o autor, a linguagem é um espelho da mente que reflete as características das capacidades intelectuais humanas, enquanto que o sistema de crenças de um sujeito não pode ser assim caracterizado pois está diretamente relacionado ao ambiente social ao qual está inserido.

Para pormenorizar, em suas definições acerca da linguagem, Chomsky (2009) defende que,

A linguagem humana é proposital ‘pelo fato de haver quase sempre na fala humana uma intenção definida de transmitir algo para outra pessoa, alterando seu comportamento, seus pensamentos ou sua atitude geral perante uma situação’. A linguagem humana é sintática, pelo fato de um enunciado ser um desempenho com uma organização interna, com estrutura e coerência. É proposital, pelo fato de transmitir informação. Chomsky (2009, p. 126).

Dado o exposto, ressalta-se que a base epistemológica desenvolvida por Chomsky acerca da constituição da linguagem nos humanos é polêmica, pois não há evidências científicas que provem existir no cérebro humano, um órgão que contenha essa base linguística observada por ele. Além disso, outros estudiosos apresentam ideias opostas, que não se coadunam com o gerativismo inatista estabelecido pelo autor. Nesse sentido, a próxima seção trará as concepções Bakhtinianas sobre a constituição da linguagem nos humanos.

3 O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA CONCEPÇÃO BAKHTINIANA: A PALAVRA COMO FERRAMENTA PRIMÁRIA NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA

Como viu-se com Chomsky, a linguagem exerce uma inegável influência no processo formativo do ser humano, caracterizando-se pela necessidade universal da construção social e cultural, presente no percurso de sujeitos que revelam constantemente, em suas experiências linguísticas, as marcas dos seus grupos sociais. Portanto, o filósofo russo Mikhael Bakhtin traz reflexões sobre a língua sob a ótica discursiva da linguagem, numa perspectiva mais social e ideológica. Na concepção bakhtiniana, as línguas

são democráticas, simples e livres. Para Bakhtin (2017), a palavra não existe fora do diálogo e as línguas se constituem enquanto cicatrizes das fronteiras da palavra do outro e como vestígios na estrutura sintática.

Para Bakhtin (2017), a linguagem é dialógica e pressupõe sempre a existência de um enunciado. Então,

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro e o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. Entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas. Não há analogias com eles (Bakhtin, 2017, p. 27).

Em outras palavras, na concepção de Bakhtin (2017), na cadeia da comunicação discursiva existe uma socialidade interior, um encontro de duas consciências no processo de interpretação e de estudo do enunciado.

Bakhtin (2017), defende que o signo linguístico é sempre dialógico; ou seja, as línguas são constituídas nas relações sociais e o pensamento é moldado pela linguagem, que sempre é ideológica. Isso nos leva ao entendimento de que, o que pensamos e acreditamos molda o nosso comportamento, que por sua vez é moldado pela linguagem. A linguagem é sempre condicionada a um espaço social e cultural. É a linguagem a principal responsável pelo surgimento da consciência nos humanos. Assim,

Quem conscientiza coincide com o conscientizável? Noutros termos, ficaria o homem apenas consigo, ou seja, a sós? Será que aí não muda radicalmente todo o acontecimento da existência do homem? É o que realmente acontece. Aqui surge algo absolutamente novo: o supra-homem, o supra-eu, isto é, a testemunha e o juiz do homem total (do eu total); logo, já não é o homem, já não é o eu, mas o outro. O reflexo de mim mesmo no outro empírico, através do qual preciso passar para sair na direção do eu-para-mim (Bakhtin, 2017, p. 29).

Bakhtin (2017) concebe a linguagem num processo constante de interação com o outro, de forma que vivemos em um mundo de palavras do outro, e toda a nossa vida é reação às palavras do outro, a começar pela assimilação delas e das riquezas da cultura humana. Assim Bakhtin (2017) defende que a consciência humana é,

Para cada indivíduo, essa desintegração de todo o expresso na palavra em um pequeno mundinho das suas palavras (sentidas como suas) e o imenso infinito mundo das palavras do outro são o fato primário da consciência humana e da vida humana que, como tudo o que é primário e natural, até hoje tem sido pouco estudado (apreendido) ou pelo menos não foi apreendido em seu imenso significado essencial. Bakhtin (2017, p. 38).

Ou seja, Bakhtin compreende a linguagem como ferramenta essencial na formação da consciência humana e, nas complexas relações estabelecidas pelo diálogo em todos os campos da cultura e da atividade, é que se constitui toda a vida humana. Assim, “eu vivo num mundo espacial e neste se encontra o outro” (Bakhtin, 2017, p. 43).

Considerando que as interações humanas só podem ser constituídas pela linguagem e dada a complexidade dessa, Bakhtin argumenta que o enunciado (discurso) é sempre alimentado pela

intencionalidade, ou seja, quem diz o que diz, sempre tem um motivo para dizê-lo, do lugar social que ocupa. Assim,

Reflexo das relações entre os homens e o discurso, sua hierarquia social. Inter-relação das unidades do discurso. Sensação aguda de mim mesmo e do outro na vida do discurso. Papel excepcional do tom. O mundo da injúria e do elogio (e seus derivados: da lisonja, da bajulação, da hipocrisia, da humilhação, da grosseria, das alfinetadas, das alusões, etc) [...]. O tom não é determinado pelo conteúdo concreto do enunciado ou pelas vivências do falante, mas pela relação do falante com a pessoa do interlocutor (com sua categoria, importância, etc) (Bakhtin, 2017, p. 55).

Bakhtin (2006), observa que a enunciação é a réplica do diálogo social, é a unidade base da língua, sendo caracterizada pelo discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior, deixando claro que o diálogo sempre é característica essencial das concepções interacionistas de linguagem, mesmo que tal diálogo aconteça consigo mesmo. Para o autor, a língua é de natureza social e ideológica. Portanto, “ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um ‘horizonte social’. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido” (Bakhtin, 2006, p. 17).

Na concepção bakhtiniana, o homem é um ser de natureza social e o que o torna assim, é exatamente o fato de esse ter desenvolvido um sistema de linguagem tão complexo e capaz de lexicalizar quase tudo o que sente e pensa. Nesse sentido, Bakhtin estabelece distinção entre,

A atividade mental do eu (não modelada ideologicamente, próxima da reação fisiológica do animal, característica do indivíduo pouco socializado) e a atividade mental do nós (forma superior que implica consciência de classe). O pensamento não existe fora da sua expressão potencial e, por consequência, fora da orientação social desta expressão e do próprio pensamento (Bakhtin, 2006, p. 18).

Por conseguinte, Bakhtin (2006) argumenta que, pelo fato de a língua sempre ser ideológica, a consciência e, portanto, o pensamento são condicionados pela linguagem e, conseqüentemente, modelados pela ideologia. A língua é expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo os efeitos dessa luta, servindo ao mesmo tempo de instrumento e de material. Para Bakhtin,

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciências só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social (Bakhtin, 2006, p. 32).

Desse modo, Bakhtin assume que a consciência individual não pode explicar nada, como ela própria só pode ser explicada a partir do meio social e ideológico. Ou seja, não basta colocar face a face dois *homo sapiens* para que os signos se constituam. “É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode se constituir” (Bakhtin, 2006, p. 33).

Em virtude de o fator social ser essencial à formação da língua, para Bakhtin (2006), a palavra é um fenômeno ideológico por excelência: “a palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” Bakhtin (2006, p. 34). Assim, o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra pois é por meio dela que a conversação e suas formas discursivas se situam.

Em sua abordagem dialógica de linguagem, Bakhtin (2006) observa que todo signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída. A consciência tem a capacidade de abordar verbalmente esse signo, isto é, a palavra está presente em todos os atos de compreensão e de interpretação como manifestação dos signos. Assim:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo aquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriam caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio pelo qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (Bakhtin, 2006, p. 40).

Porquanto, considerando a concepção bakhtiniana de linguagem, depreende-se que é somente pelo processo de interação com outros sujeitos que ela se constitui, sempre ideologicamente, a partir de uma organização social. A partir dessa premissa, forma-se um círculo vicioso em que, palavra e organização social influenciam-se mutuamente, uma sendo consequência da outra, num processo de ressignificação que se dá paralelamente no cotidiano da vida em sociedade. Desse modo, os signos linguísticos e ideológicos, são marcados pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados.

Por tudo isso, pode-se dizer que “[...] se nós perdermos de vista a significação da palavra, perdemos a própria palavra, que fica, assim, reduzida à sua realidade física, acompanhada do processo fisiológico de sua produção. O que faz de uma palavra, palavra é a sua significação” (Bakhtin, 2006, p. 48). Logo, o signo linguístico transforma-se, evolui no processo de evolução histórica de uma determinada comunidade linguística, sendo que a identidade normativa do fonema é diferente em diferentes épocas da evolução das línguas. Ou seja, a língua tem sua história, pois não há outra maneira de constituí-la que não seja historicamente; portanto, para explicá-la, é necessário situá-la num dado momento de sua história. (Bakhtin, 2006).

Por conseguinte, na próxima seção apresentar-se-á uma reflexão das concepções de linguagem até aqui percorridas, considerando possíveis contribuições de ambos os pressupostos epistemológicos apresentados, numa busca pela compreensão da linguagem humana e sua influência na dinâmica da organização social e cultural, bem como na formação identitária dos sujeitos que dela se apropriam.

4 ASPECTOS COMPARATIVOS ENTRE AS TEORIAS CHOMSKYNIANA E BAKHTINIANA

Depois de termos apresentado os conceitos básicos estabelecidos pelos autores supracitados, o fio condutor desta seção será o confronto entre estas duas vertentes dos estudos sobre linguagem: o gerativismo de Noam Chomsky e a abordagem enunciativo-discursiva de Mikhail Bakhtin, estabelecendo suas principais diferenças no que diz respeito aos seguintes aspectos: o ser humano e o meio social, a gramática universal e o conteúdo ideológico, a língua/sentido e o significado/sentido.

Assim, no que tange ao desenvolvimento da linguagem do ser humano em seu meio social, Gonçalves e Covezzi (2016) evidenciam que as principais diferenças entre as duas vertentes teóricas dizem respeito a forma como os autores abordam as questões relacionadas à aquisição da linguagem, sendo que Chomsky desenvolveu a tese de que o ser humano, tomado como um ser biológico, apresenta princípios linguísticos universais inatos que se desenvolvem na criança como em qualquer outra função biológica e, para que tal função se desenvolva, a criança deve estar em contato com os falantes de uma determinada língua a fim de aprender o seu sistema.

Já, na vertente bakhtiniana, Gonçalves e Covezzi (2016) observam que o ser humano é um “[...] sujeito individual cuja consciência está impregnada de conteúdos ideológicos forjados na realidade social do indivíduo”. Gonçalves; Covezzi (2016, p. 69). Nessa perspectiva, a aquisição da linguagem e da consciência não ficam reduzidas a processos internos e biológicos, mas se dão por processos históricos e sociológicos.

Em relação à ideia da existência de uma gramática universal, defendida por Chomsky e ao conteúdo ideológico, fulcro da teoria bakhtiniana, Gonçalves e Covezzi (2016) destacam que, do ponto de vista do gerativismo “[...] a estrutura cognitiva do cérebro humano possui certas propriedades genéticas inatas, base de um sistema de regras linguísticas comum a todas as línguas que nos predispõe a uma percepção sistemática da língua ao nosso redor”. Gonçalves; Covezzi (2016, p. 70).

Na perspectiva estabelecida por Bakhtin, Gonçalves e Covezzi (2016) destacam que a linguagem e seu conteúdo ideológico se desenvolvem fora do organismo biológico - ainda que o organismo individual participe desse processo - a partir da interação com um grupo social, cuja ideologia formará a base argumentativa desse sujeito. Ou seja, o sujeito, membro de um grupo social, percebe e compreende o mundo desde o seu posicionamento de classe pois, sua consciência individual está relacionada ao seu convívio social, portanto, ideológico.

Quanto aos conceitos de língua e de linguagem, para Chomsky (2009), a linguagem pode ser definida como a capacidade humana de raciocinar sem o uso de palavras e de produzir frases oralizadas ou escritas e a língua é um sistema organizado na mente dos sujeitos e, por meio da qual constitui-se a sua competência linguística.

Entretanto, Bakhtin (2006) argumenta que a consciência subjetiva do locutor utiliza a língua - que é um sistema de formas normativas abstratas - para suas necessidades enunciativas concretas, numa relação intrínseca entre significado e sentido, sendo que o significado se refere à compreensão passiva, de decodificação do ouvinte, ao passo que o sentido diz respeito ao significado contextual, em que o ouvinte não apenas decodifica, mas faz inferências sobre o que é dito na interação.

Em relação ao sentido da linguagem, Chomsky (2009), na sua teoria inatista defende que a gramática das línguas naturais é responsável pela competência linguística dos falantes, mas não considera o sentido como elemento fundamental da atividade linguística. Em contrapartida, Bakhtin (2006) considera que toda enunciação pressupõe um sentido e é nas relações dialógicas entre interlocutores que os sentidos se constituem.

Assim, Gonçalves e Covezzi (2016) concluem que,

[...] A concepção dialógica vem de encontro à visão da língua enquanto sistema adquirido, uma vez que para ela são os interlocutores que, ao produzirem enunciados, mobilizam recursos linguísticos. O sentido só acontece com o auditório, sendo produzido na interação, apontando para o discurso. Para perspectiva enunciativa discursiva, o sentido está no encontro com o outro, entre sujeitos históricos sociais (Gonçalves; Covezzi, 2016, p. 72).

Por esse prisma, percebe-se nitidamente que ambas as teorias não dialogam entre si, apresentando perspectivas opostas. Todavia, muito embora o gerativismo estabelecido por Chomsky considere a linguagem humana como biologicamente inata, há um ponto em que o autor considera que, para desencadeá-la, é necessária a exposição do sujeito à língua do seu meio social, havendo aqui uma semelhança com a teoria enunciativa discursiva estabelecida por Bakhtin, cuja ideia central gira em torno das interações sociais, numa concepção dialógica, ideológica e portadora de sentidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do artigo foi apresentar as concepções de linguagem à luz de dois teóricos que, claramente desenvolvem conceitos que não estabelecem relação direta entre si; portanto, isso deveria ser tratado como justificativa para a oposição entre as teorias. Todavia, o que se quer evidenciar, além de contribuir para a compreensão dos pressupostos epistemológicos dos autores supracitados, é exatamente a ideia de que a aquisição da linguagem nos humanos e toda a sua complexidade ainda permanece um mistério para a ciência, isto é, há lacunas que ainda não foram preenchidas quando o assunto em questão é a linguagem.

Neste sentido, destacamos o fato de que o pensamento chomskyniano sobre linguagem difere totalmente das ideias relacionadas ao seu ativismo político, em que ele trata diretamente das relações de poder e os dos efeitos da ideologia na sociedade. No entanto, sua teoria gerativista descreve a linguagem

enquanto característica inata, abstraída dos processos e das relações sociais aos quais ele fervorosamente destaca.

Já as concepções bakhtinianas tratam a linguagem em seus aspectos filosóficos, sociais e culturais, procurando descrever seu processo de formação e de utilização, à luz da vida em sociedade, o que pressupõe relações de poder e de ideologias, concebidas na forma de organização social dos grupos que, por sua vez, dependendo do espaço cultural em que se encontram, diferem na forma de ver e de compreender o mundo. Nesse sentido, linguagem e ideologia se entrelaçam, se misturam e se formam, uma influenciando a outra, sempre a partir de processos dialógicos. Dito de outro modo, para Bakhtin, a linguagem só pode ser explicada pela compreensão de que o ser humano é, acima de tudo, um ser social, que se constrói pela interação com seus pares e, dessa interação, deriva toda a organização social que se tem e todo significado e sentido que caracterizam a linguagem.

A partir dos nós conceituais aqui evidenciados, cabe considerar que, mesmo estabelecendo concepções opostas, ambos os autores apresentam contribuições significativas no âmbito da linguística aplicada e é necessário compreendê-las pois, a partir de tais pensamentos, é possível estabelecer reflexões que contribuem no processo de ensino e de aprendizagem das linguagens que se dá no cotidiano da sala de aula, evidenciando que ambas são densamente constituídas, com argumentos logicamente estabelecidos e com observações pertinentes para o entendimento da “invenção” da linguagem.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Joana D'Arc. Rene Descartes: A distinção da alma e do corpo. *Cadernos Cajuína*, v. 2, n. 2, p. 18-23, 2017. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre Literatura, Cultura e Ciências Sociais*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- CHOMSKY, Noam. *Language and Thought*. United States of America: Moyer Bell, 2004.
- CHOMSKY, Noam. *On Cognitive Capacity*. In: CHOMSKY, Noam. *On Language*. New York: The New Press, 2007.
- CHOMSKY, Noam. *Novos Horizontes para o Estudo da Linguagem e da Mente*. Trad. Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e Mente*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- GONÇALVES, Márcia de Moura; COVEZZI, Marta Maria. O Gerativismo e a Teoria da Linguagem Bakhtiniana: o sentido em perspectiva. *Revista Diálogos*, v. 4, n. 2, p. 63-73, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/4634>. Acesso em: 03 jun. 2022.